
RAMÓN BAU
O SEXO
segundo o Nacional Socialismo

RAMÓN BAU

O SEXO
SEGUNDO O NACIONAL SOCIALISMO



Título:

O sexo segundo o Nacional Socialismo. 2010.

Título original:

El sexo.

Tradução e notas:

Zoroastra.

Capa:

Hermann Tholf – Detalhe de escultura de Josef Thorak.



O autor

© Ramón Bau Fradera

SUMÁRIO

06-07
PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

08-10
O TEMA SEXUAL

11-15
SEXO E INDIVÍDUO

16-18
MORAL E SEXO

19-23
SEXO E MATRIMÔNIO

24-26
OS ANTICONCEPCIONAIS

27-28
EUGENIA RACIAL OU SOCIAL

29-31
EDUCAÇÃO SEXUAL

32-33
CONSIDERAÇÕES FINAIS

34-35
NOTAS

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Com um dinamismo que lhe é muito próprio, Ramón Bau nos traz nas páginas a seguir uma discussão única em termos de Nacional Socialismo. À parte de seus escritos sobre wagnerismo, biologia, religião e economia sempre sob uma ótica metapolítica, apresenta-nos aqui um rico estudo sobre a questão sexual dentro de uma concepção que não busca senão reaproximar o homem das leis naturais.

No entanto, o que teria levado o espanhol a fazê-lo não foi mera curiosidade, mas quase que uma necessidade de atuar como que um precursor indireto, um desbravador da questão sexual entre aqueles que voltam olhos, punhos, espírito e coração a um período curto, embora imortal, mas que por não estarem fora de seu próprio tempo, foram levados ou a manter o silêncio, que fez do sexo um tabu, clara influência reacionária, ou a vê-lo com a mentalidade moderna. Da espada à pena, Bau reabre o campo cosmovisionário nacional-socialista para propor que assim como em outros temas, também se é possível tratar do sexo em uma terceira via.

Ramón Bau dissipa sua luz em torno de temas como a questão sexual dentro dos núcleos nacional-socialistas, a completude entre sexo e amor, a culpabilidade da moral progressista em relação à concepção de sexo na atualidade, a questão matrimonial, anticoncepcionais, eugenia e, finalmente, a educação sexual para o futuro. Contudo, mesmo dado à variedade de assuntos, "O sexo segundo o Nacional Socialismo" não é um estudo pesado, de linguagem científica que trata do sexo em seus pormenores, mas complementa um novo capítulo em sua preocupação principal no que diz respeito ao Nacional Socialismo do pós-guerra: para além

das pretensões de mobilização puramente política, deve-se atender à formação humana. O nacional-socialista e, sobretudo, o jovem, semente do futuro, necessita recuperar o sentido de uma vida dotada de valores.

Nem sexo sem amor, nem amor sem sexo. Nem sexo cuja única função seja a da reprodução, tampouco sua prática indiscriminada, cujos idealizadores promovem o aborto por entender a gravidez como uma conseqüência indesejada da promiscuidade. Nem a prática do sexo na adolescência sem que se ache em um momento ideal, mas também sem se render à idéia de trazer vidas ao mundo depois dos 35 anos, quando se atinge certo status social. Sem ser pecado nem visto como mero prazer.

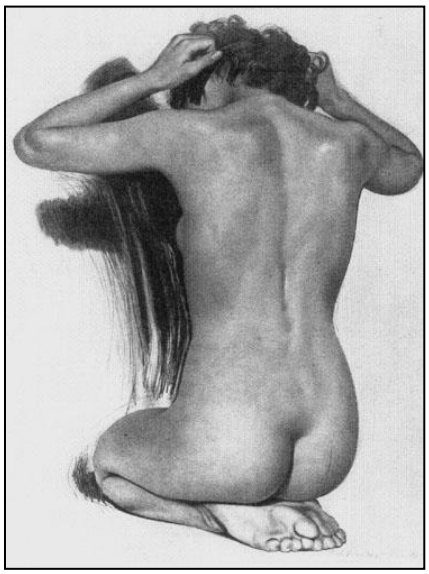
O sexo é gerador de amor, o momento da maior expressão provinda da completude entre homem e mulher. Na escolha de um par certo e atendendo às próprias vontades, dão-se filhos sadios ao povo, os quais, sendo bem educados, deverão atuar em benefício da sua comunidade.

Para além de toda a propaganda enganosa que teria colocado Hitler como um depravado, da concepção de um III Reich que apenas prezou por "números arianos", ou dos "neonazis" holywoodianos guiados pelo Sistema, dados a formas degeneradas de sexo sob o manto sagrado da suástica, aqui, enfim, tem-se acesso a um estudo essencial, maduro e fiel.

E ao seu autor e amigo, nossa gratidão eterna por nos ter permitido a tradução, edição e difusão em território brasileiro, disseminando um trabalho rico em valores, frente ao pesadelo dos tempos atuais. Uma vez tendo sido membro do Grupo de estudos CEDADE e fundador da Associação Devenir Europeo, devemos atender às palavras de Bau não como mero escritor ou simples pesquisador, mas vê-lo um legítimo herdeiro do Nacional Socialismo.

Hermann Tholf

TEMA SEXUAL



Em 30 anos de luta nacional-socialista na Espanha, não escutei nem uma única palavra sobre o problema sexual, sobre sua concepção e problemática desde uma visão nacional-socialista. O sexo parece não existir nas conferências, artigos ou estudos sérios dentro do movimento em nosso país(1). Para além disso, ainda existe uma conduta lamentável por parte de alguns camaradas neste tema, influenciados pela mentalidade moderna.

É evidente que nas publicações de outros países pude ver estudos sobre este tema, estudos sérios e bem concebidos, com uma ótica nacional-revolucionária. Até em escritores como Évola podemos estudar sua "Metafísica do Sexo" (2), com posições, que embora não sejam nacional-socialistas, ao menos marcam um caminho, uma opinião.

Pessoalmente, dei alguma conferência sobre o tema ainda com várias abordagens e cuidados, para não escandalizar certas mentalidades com idéias muito extremas no que concerne a esse respeito.

Por que esse silêncio? Por que esse medo? Em primeiro lugar, parece claro que para falar de sexo não é apenas necessário conhecer o tema, mas principalmente tê-lo conhecido através do

amor e de sua dignidade. Hoje se conhece o sexo sem amor (Sistema) ou se conhece o amor sem sexo (conservadores).

A renúncia ao sexo, costume de origem claramente semita (em nenhuma sociedade ariana originária existia o culto à virgindade nem uma visão "pecaminosa" do sexo) surge como imitação ao voto de castidade sacerdotal e têm sido às vezes extrapolado ao "sacerdote político" nos conservadores pseudo-fascistas.

O mais curioso é que esse conservadorismo reacionário não está de modo algum referenciado pelo Nacional Socialismo histórico, cujos líderes estiveram casados em quase sua totalidade, inclusive alguns divorciados, e onde o próprio Hitler esteve distante de qualquer "oficialidade" em relação a sexualidade, até aceitou sem muita dificuldade a um homossexual como Röhm na liderança das importantíssimas SA, devido a sua importância para esse cargo.

Em revistas da época, vemos ao menos nudez e leveza de roupa, um culto à beleza física, um estilo muito avançado para a época.



Hitler mostrou uma visão muito heterodoxa do conceito de casal e matrimônio em relação à visão convencional, mas por outro lado sempre teve o amor acima de tudo, sendo o sexo só um complemento de seu amor.

O Sistema democrático-progressista, ao contrário, tem inundado as mentes do sexo sem amor, de uma visão do sexo como produto de consumo, quase puramente fisiológico, sem relação a sentimento ou compenetração alguma.

A moral ortodoxa é bastante conhecida e nada tem para acrescentar. Esta seria a verdadeira razão do silêncio sexológico de alguns nacional-socialistas espanhóis.

Para completar, há duas razões mais para este silêncio: por um lado a "vergonha sexual" que impôs em muitos a moral clássica.

Falar de sexo é impróprio de cavaleiros, quem fala dele é porque "peca", porque tem a consciência suja. Quem fala, escandaliza. Dizer algo publicamente sobre sexo vai contra a moral burguesa que forma-se em todo reacionário ultra-conservador.

E por último, a brutal avalanche de estupidez sexista, de corrupção sexual que invade o mundo atual, que fez conceber como um apoio a essa corrupção qualquer postura dissidente com a moral mais conservadora nesse tema.

Esta reação inconsciente está desenvolvida em muitos outros temas. Criticar o capitalismo, o empresário burguês ou a Opus Dei com a veemência que merecem, considera-se sintoma de "afinidades marxistas", igualmente defender um sexo ariano, se acusa de libertino e "moderno".

Frente a pornografia se opõe a virgindade, frente ao exibicionismo o santo pudor, frente à liberação de prazer a renúncia à carne. Assim, frente à libertinagem se apresenta como opção o imbecil, um protótipo de ignorante néscio carregado de traumas e inibições. O Nacional Socialismo pode oferecer outra alternativa, baseada justamente na visão ariana tradicional do sexo. Oferecer oposição ao materialismo sexual com um erotismo natural, frente ao vício um alto apreço da vida sexual, frente às aberrações um desfrute pleno do sexo que a natureza nos oferece.

E isto não é contrário na realidade ao cristianismo, senão a uma visão dada pela separação de "carne e espírito", como se dois pratos fossem, quando é preciso retornar à Natureza: Corpo, sentimento e espírito pertencem a uma mesma essência humana.

SEXO E INDIVÍDUO



O sexo é uma parte do ser humano, nem mais nem menos. A origem dos problemas sexuais do conservadorismo religioso advém justamente de não entender o ser humano como uma unidade total e indivisível. E o sexo está unido ao amor, ao sentimento profundo. A origem dos erros modernos é separar o sexo do amor.

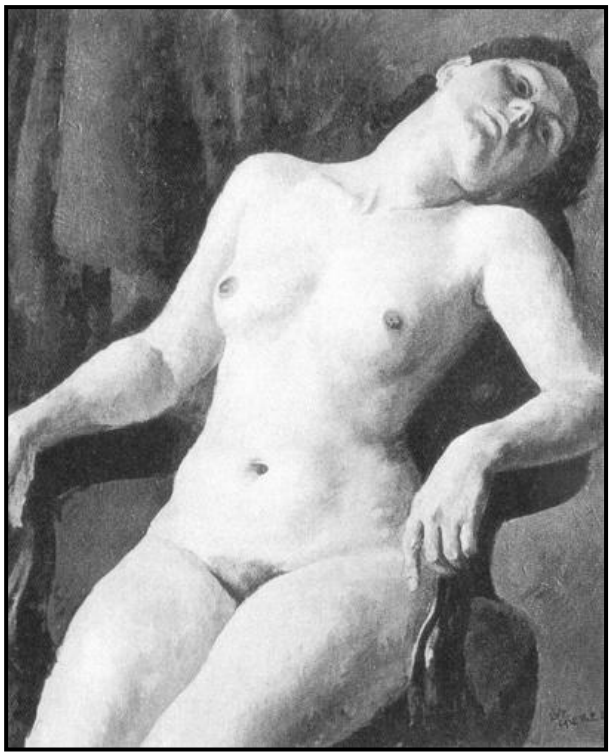
O maniqueísmo é a origem de todos os problemas da visão "pecaminosa" do sexo. O bom e o mal, o negro e o branco, o falso e o verdadeiro, o corpo e a alma, tudo como extremos, sem contatos, sem unidades. A vida é então a luta do bem contra o mal, sendo bem e mal o único existente, em estado puro. Em cada um há bem e mal, mas como dois líquidos insolúveis.

Para o pensamento reacionário o ser são duas essências sem unidade: corpo-mundo e alma. Somente como servidor e escravo da alma pode-se aceitar ao corpo. Disso surge o costume virginal (sexo em prol da salvação, ou seja, a renúncia ao sexo pela salvação do "outro" ser-alma).

Deus ou corpo. "Não se pode servir a dois senhores". Este dualismo que parte da separação de matéria-espírito é de clara origem messiânica: a alma como essência independente do corpo, criada por Deus "à parte" do corpo. Por isso, dizem que "todos somos iguais perante Deus". Iguais quanto à alma, como se ela fosse

um ente real totalmente independente do corpo. Assim, alguns entendem as diferenciações raciais quanto aos corpos, mas aceitam a igualdade da alma. Todos podemos ser homens, mas o espírito (deixado à parte a "alma" como ente religioso) de cada um é diferente e está muito influído pela mente e raça.

O sexo então forma parte do "lado obscuro" do ser, enquanto uma alma imaterial controla todo o corpo como quem controla uma manada de cavalos sem deixá-los escapar. Para essa explicação reacionária, o sexo é só uma parte do corpo a serviço da reprodução. O sexo é uma função material, sem conotações espirituais, o que leva até mesmo a certo desprezo pelo sexo. O erotismo e o desejo sexual se vêem como vínculos do corpo ao espírito "livre". Se toda utopia reacionária é lamentável e produto de uma ignorância total, não por isso é menos repulsiva a visão moderna do ser e o sexo.



Para o progressista, o sexo se transformou em um caminho para o prazer, para a busca de sensações em si mesmas. O prazer assumiu o papel de soberano no sexo, ou dito de outra forma: o sexo foi reduzido ao prazer.

E ainda pior se ouvimos a essa multidão de psicanalistas e feministas histéricas para as quais o sexo é o centro do mundo e a "revolução" ou que a personalidade só pode entender-se como um complemento do sexo.

Para um neurótico como Freud, a chave do indivíduo é sua sexualidade. Para Wilhelm Reich(3) o orgasmo é a base da revolução libertadora. Disso surgiu o que as massas atuais vêem só

prazer no sexo e as minorias arcaicas somente "pecado" ou reprodução no mesmo.

Para o marxismo, o sexo é mais uma das relações econômicas básicas do homem: comer, dormir e ter orgasmos. É uma necessidade fisiológica reprimida pela superestrutura "moral" criada pelo capitalismo. O capitalista monopoliza o sexo como método de domínio, igual que faz com o capital; assim o sexo se transforma em mais um "bem econômico" dentro da teoria marxista.

Reacionários e marxistas se empenham em limitar o ser humano. Uns separando alma-corpo (pondo a alma como centro) e outros reduzindo tudo à função biológica.

Por estes caminhos se chegou ao cúmulo da virgindade como virtude (castração do sexo em benefício da alma), ou ao feminismo (castração da feminilidade em benefício do econômico).

As visões parciais do indivíduo estão sempre baseadas em utopias intelectuais: uma idéia, um desejo mental de que seja assim, um egoísmo.

O Nacional Socialismo está baseado no respeito ao natural. A realidade natural, a raça e a desigualdade, o sentido comum e o estudo das realidades, são a sua base. E o que existe, na realidade, nos diz de que o ser humano é um conjunto indivisível de qualidades e possibilidades, onde corpo, sensibilidade, arte, pensamento e estômago formam uma unidade inter-relacionada estreitamente.

O que chamaríamos "ser" do indivíduo é um conjunto de estados de consciência resultante da inter-relação de todas suas partes. Assim, o homem esfomeado terá em seu "ser" uma grande parte de fome. Sua sensibilidade, espírito e alma estarão fortemente influenciados por sua fome física. E vai além quando ascendemos da fome para elementos individuais mais complexos e mais inter-relacionados com a mente e com a sensibilidade, como é o caso do sexo ou dos problemas hormonais.

Rosenberg afirmava que o espírito é o corpo visto de dentro e o corpo é o espírito visto de fora, ou seja, uma mesma coisa sob duas óticas diferentes.



Uma pancada cerebral, uma desordem hormonal e a personalidade são capazes de transformar o ser individual em sua totalidade. Uns minúsculos cortes no córtex cerebral, ou um miligrama a mais em certas fluídos e o indivíduo será outro. Uma mera úlcera de estômago ou uma forte tendência a enxaqueca pode fazer alterar o caráter, e com isso possivelmente a própria "espiritualidade" do indivíduo afetado.

O sexo é uma das facetas mais fortemente relacionadas com o ser mais íntimo do homem. Sem sexo o indivíduo não é completo no concernente ao amor. É como estar sem visão, adrenalina ou mobilidade.

E no caso do sexo a carência é ainda mais grave, porque toda a complexidade sexual humana tem ramificações profundas nos processos psicológicos e emocionais. Os sentimentos, a parte mais "espiritual" do homem, estão consentidos pelas influências sexuais (e não digo do mero desejo, mas das atrações e sensações mentais produzidas pela sexualidade).

Basta ver as diferenças psicológicas entre homem e mulher para convencer-se de que o sexo não é um mero sistema reprodutor separado do "espírito".

O sexo influi determinadamente no amor, no mais sublime dos sentimentos humanos.

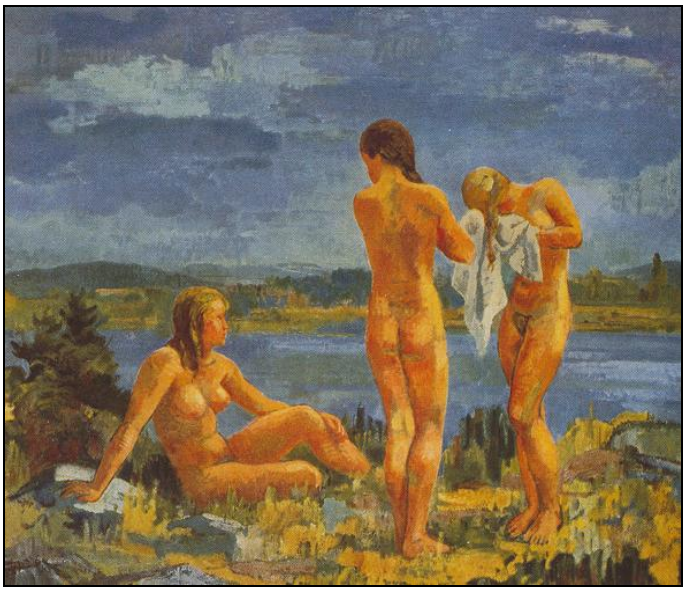
O amor assexuado não tem nada qualquer relação com o amor normal do ser humano, o amor influído pelas tendências sexuais.

Eu daria até outro nome a qualquer amor não sexuado, não influído pelo sistema sexual. Não é que não seja correto o amor entre irmãos ou pais e filhos, mas o amor homem-mulher é algo diferente e se completa com uma entrega total da parte sexual dos sentimentos.

A amizade, por exemplo, ou o companheirismo, e mesmo o chamado amor a Deus, são características completamente diferentes.

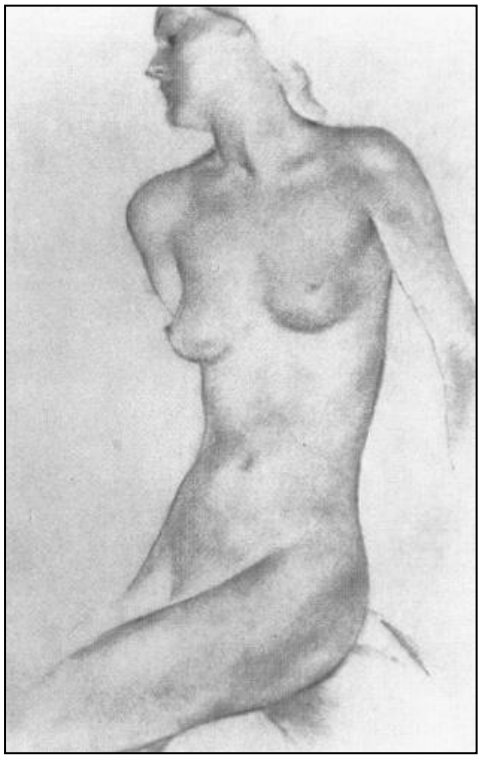
E na arte, na expressão de sentimentos por excelência, pode-se notar claramente em toda a história que têm sido o amor mais completo, o amor homem-mulher, influído e enriquecido pelos sentimentos sexuais, o que têm sido sempre centro dos mais sublimes e delicados sentimentos.

Separar o sexo ou o amor do indivíduo é só uma estupidez antinatural do imaginário reacionário ou do egoísmo materialista.



Pintura de Hans Gott

MORAL E SEXO



Seria preciso antes estabelecer uma diferença radical entre moral e ética.

Por moral, entenderíamos o conjunto de normas que regulam nossos costumes em um sentido dado ao que chamamos de ética.

O que pretendo afirmar é que a moral é a norma de hábito, enquanto a ética é o sentido do comportamento.

Não desejar fazer mal ao próximo é um princípio ético, mas depois chegaram as igrejas ou os vizinhos, ou o político, ou o seu pai e te impõem a moral, as proibições "éticas" concretas, que nos levaram a aceitar dar um pontapé em um cachorro, mas não poder matar um criminoso.

No tema sexual ocorre o mesmo. Nossa ética é muito simples: o sexo esteve sempre unido ao amor, ao carinho e ao apreço íntimo e elevado entre homem e mulher.

Depois chegaram os traumatizados puritanismos, proibindo mil questões sexuais para não "escandalizar". Reduziram o sexo a ritos matrimoniais, condenando o alegre e o erótico, entristecendo o belo e o divertido. Algo belo se transforma naquilo que conduz ao pecado. Um sentimento dinâmico e apaixonado é transformado de acordo com regulamentações e "permissões". A sexualidade, então, é transformada em mera "relação legítima matrimonial".

Outros, os progressistas e democratas, ainda mais bárbaros, pretendem separar o sexo do amor, para consumi-lo como um prato à parte, em busca apenas do prazer. Disso, surge então as prostitutas denominadas "profissionais do sexo". O sexo passa a ser visto como um instrumento econômico ou de prazer. Progressismo puro.

As morais são variáveis, relativas e sempre estúpidas. Deve-se aceitar tudo o que não é antiético de base e princípio.

Até poucos anos atrás, qualquer mulher que mostrasse alguma de suas partes "nobres", por menor que fosse, estava sujeita a condenação.

Os padres apocalípticos da Igreja, com Tertuliano(4) à sua frente, asseguravam o pior dos pesadelos aos maridos que desfrutavam com excesso do ato sexual matrimonial. Inclusive no matrimônio, era necessário existir certo desprezo pelo sexo. Podemos lembrar que, ao contrário, durante as Cruzadas, vários papas promulgaram licenças e prêmios absolutórios para permitir mulheres a exercer a prostituição entre os cruzados, quando estes protestaram por falta de mulheres na Palestina. As morais temporárias ligadas a mandatos ou costumes do momento não têm valor. O importante é o sentido ético global, geral.

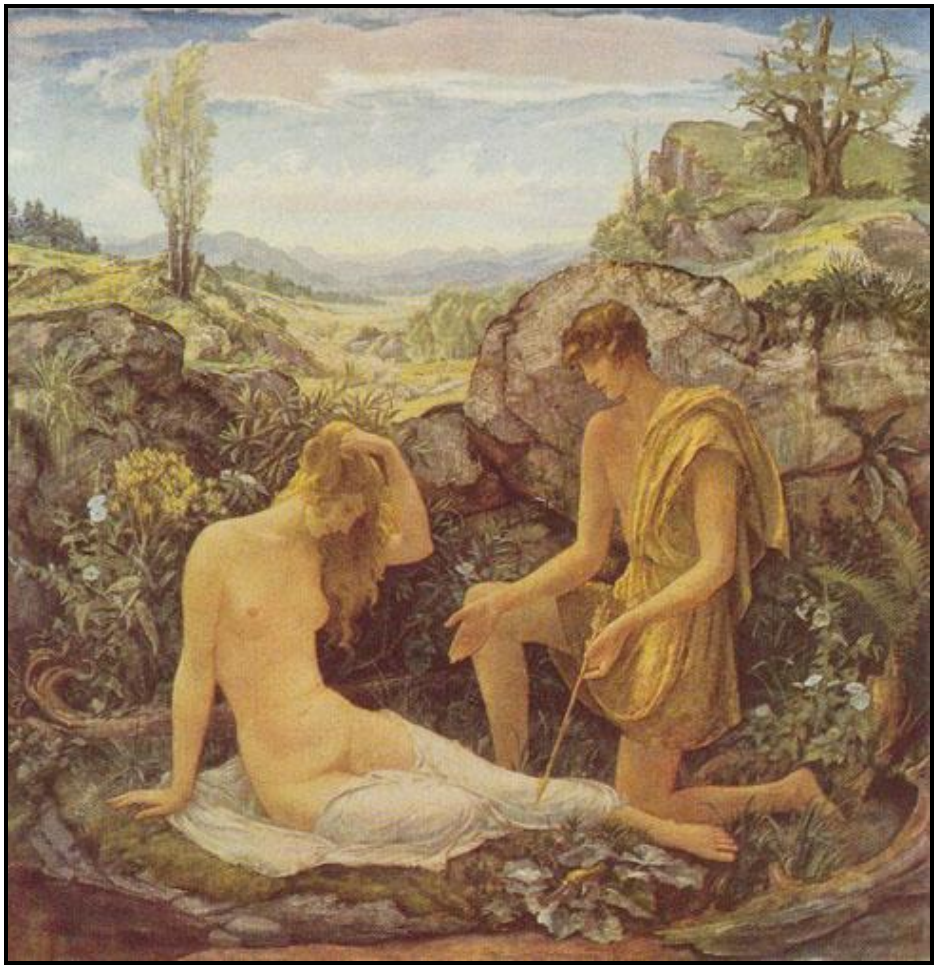
E da mesma forma que as feministas defendem uma "mulher" igual ao "homem", como se isso fosse a base da "dignidade feminina", também apóiam um sexo sem amor, mantendo relações sexuais sem estilo nem dignidade alguma, apoiando a nudez pública ou os costumes mais indignos como sendo uma forma séria e elevada de sexo.

Existe um estilo "paternalista" inerente em muitos fascistas, ainda mais na Espanha com o exemplo superpaternalista da dictablanda(5) franquista. O governante paternalista identifica o bem com sua moral única e se transforma em um predicador dessa moral particular, que proíbe tudo o que não se ajusta a sua moral, a qual chega a ser transformada em lei. Um exemplo foi Franco, o

qual identificou a lei com a moral do século XIX. Outro foi Jomeini, que a identificou segundo o Alcorão.

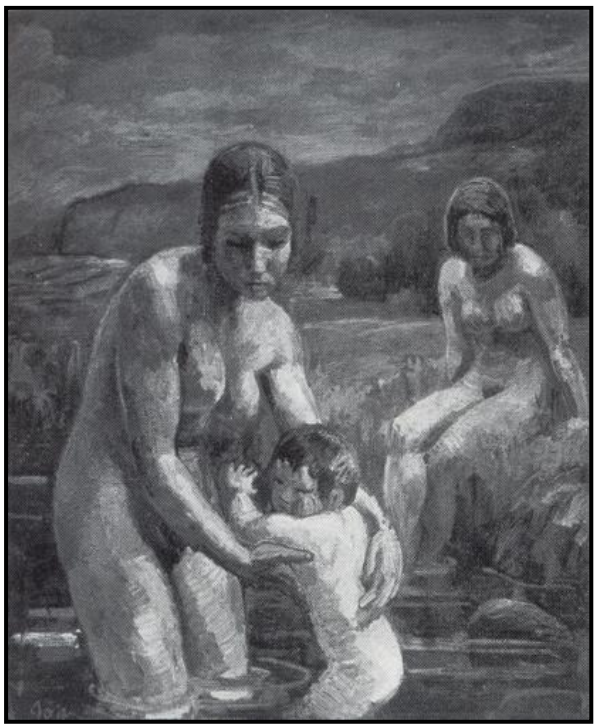
O "paternalismo-maternalismo" progressista é o principal responsável por impor através de todos os meios legais e midiáticos uma igualdade de sexos, um matrimônio antinatural, um espetáculo de prostitutas e exibicionistas, enfim, um sexo desprezível, totalmente antinatural.

Esse paternalismo messiânico deve dar passagem ao sistema ariano de legislação. Certos princípios básicos, uma orientação definida (entenda-se por ética) e liberdade de normas, ampla liberdade pessoal, diversidade de concepções com uma mesma ética. Oposição contra inquisições e mentalidades estreitas.



Pintura de Friedrich Wilhelm Kalb

SEXO E MATRIMÔNIO



O matrimônio é uma instituição claramente orientada para a reprodução dentro da família. Na realidade, a base do matrimônio é o desejo de se ter filhos. Inclusive a Igreja chegou a compreender este ponto, tendo declarado a anulação dos matrimônios nos quais existia uma vontade em não ter filhos.

No matrimônio, não há senão o conceito de família. O amor, os sentimentos que entrelaçam homem e mulher, enfim, não necessitam de um matrimônio; a união e a vida em comum podem destinar uma intensidade completa e de plenitude ao amor. O matrimônio não se baseia fundamentalmente em dar um marco "legal" nesse amor, como se ocorreu tantas vezes. O matrimônio, na verdade, deve ser visto como um compromisso diante do povo, de criar filhos e dar-lhes um lar e certos cuidados.

A base do matrimônio é racial e comunitária, enquanto que o amor é algo privado, pessoal, individual.

Por isso, é possível o amor entre pessoas de raças diferentes, mas esta mestiçagem é um problema grave para a identidade do povo. O amor não se pode proibir, enquanto que o matrimônio está sob a política do povo.

As igrejas e os progressistas distorceram outra vez este princípio tão claro. Para os reacionários, o matrimônio é um "sacramento" de relação entre duas pessoas, ficando pouco claras suas obrigações a respeito da reprodução e da criação de filhos.

E para a democracia progressista, o matrimônio simplesmente não existe. Os filhos não interessam em nada. O matrimônio é mero tema de convivência de casal. Um mal necessário.

Com isso, é natural que se tenha levado à confusão total entre amor, casal e matrimônio.

No caso de Hitler, como foi visto anteriormente, este se inclina para uma visão clara, que estabelece diferenciações entre amor e família.

Hitler conviveu durante muitos anos com Eva Braun, estabelecendo com ela um amor pessoal, sem, no entanto, ter tido o desejo de formar uma família, por conta de suas responsabilidades políticas. Quando estas cessaram, em seu último dia Hitler assumiu o matrimônio como demonstração de sua união perfeita com Eva Braun, pois ambos agora estavam libertos das ataduras materiais.

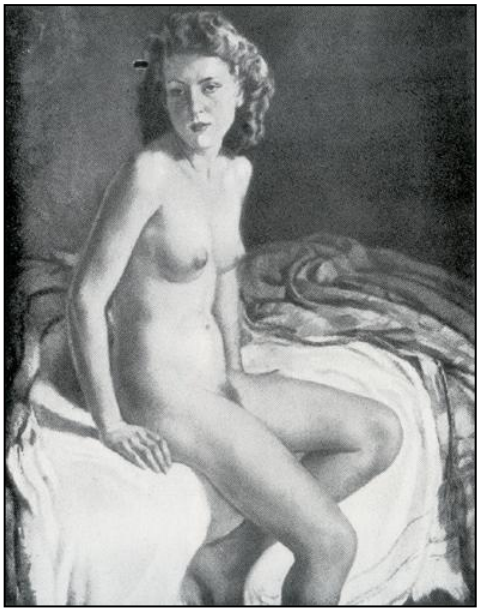
A postura de Hitler não foi convencional. Ele teria sido condenado pela sociedade puritana, pois viver com uma mulher sem estar casado, amar sem matrimônio é como formar um casal "fora-da-lei".

Hoje em dia muitos jovens fazem uma separação completa entre amor e matrimônio, o que também é incorreto, pois prejudica o sentido de coletividade, o espírito da raça, fazendo com que os casais não busquem o matrimônio por não terem uma consciência comunitária em relação à procriação.

Formar uma família através do matrimônio é um ato de responsabilidade enorme e deve ser realizado somente quando se está realmente disposto a ter filhos e automaticamente resolver certos problemas. O casal, o amor entre dois, é algo muito mais individual, baseado nos próprios sentimentos.

Um casal pode considerar-se como formado quando atingiu a um estado de conhecimento mútuo o suficiente, que o torna estável e seguro de si, que o impulsiona para um compromisso de vida em comum. O matrimônio exige um lar, um desejo de produção, meios materiais e de vida.

Na realidade, o que deveria ser chamado de matrimônio não existe enquanto não há presença de filhos, mas a lei o transforma em uma "legalização" por parte do casal, em um noivado legal. Já nossos pais e avós tinham estabelecido o noivado oficial, sem matrimônio. Isto se perdeu e atualmente o matrimônio se transformou em uma oficialização de relações entre casais, quando devia ser somente um juramento de responsabilidade, perante o povo, de ter filhos e dar-lhes formação.



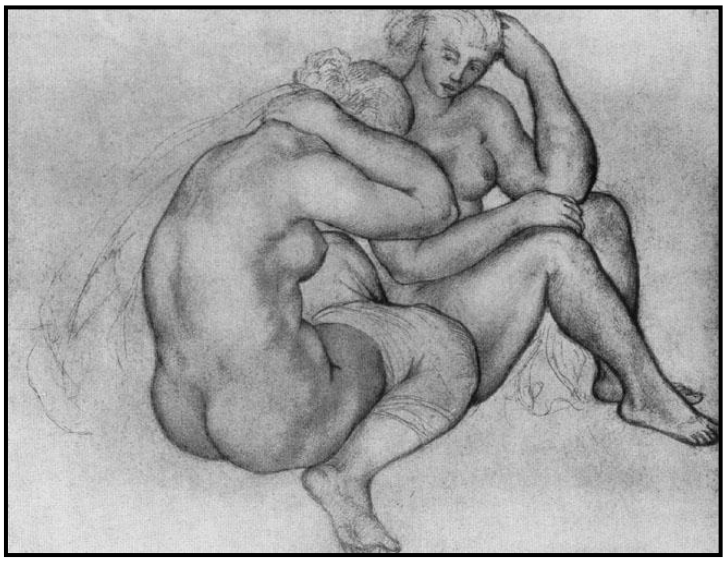
Isso se transforma por completo em relação ao Nacional Socialismo. Para este, o mais importante é a função socialista e comunitária de matrimônio, deixando clara a importância do compromisso matrimonial. Assim, a estabilidade matrimonial é um problema baseado na necessidade de um lar estável para a educação e criação dos filhos.

O matrimônio perdeu sua base reprodutiva em prol da legalização do amor-casal. Este é um grande drama que Hitler deixou bem claro em sua denúncia:

"O matrimônio não pode ser considerado como um fim em si mesmo, senão que deve servir a um objetivo mais elevado: a multiplicação e conservação da espécie e da raça. Esta é sua razão de ser e sua missão primordial".

Como vemos, Hitler tinha muito clara a diferença entre o amor pessoal e a função racial do matrimônio. Não diz que o amor deva estar sob controle, não introduz a política aos sentimentos, mas explicita que é o matrimônio e a família os grandes interesses do Estado nacional-socialista.

Para completar, o matrimônio desde sempre se realizava a partir dos vinte e poucos anos, algo que parecerá uma barbaridade, quando, na verdade, é o mais lógico do ponto de vista natural e reprodutivo. É preciso casar-se logo para poder ter cinco filhos e educá-los enquanto ainda os pais são jovens. Com isso, também se minimizam os riscos de abandono e os defeitos genéticos (6), as incompreensões entre gerações e os maus humores comuns de pais mais velhos.



Mas a partir do final do século XX, o matrimônio passa a ser celebrado normalmente a partir dos 27 anos em média, nos países ocidentais arianos. Isto é totalmente antinatural, além de criar dois problemas:

1. Algo que é de interesse do Sistema: evitar que se tenham muitos filhos. Isto se consegue quando se une a idade à propaganda hedonista do capitalismo e do marxismo.

2. As relações matrimoniais: outro problema insolúvel para a moral conservadora clássica.

Quando o casal deve esperar vários anos para poder "legalizar" suas relações por problemas materiais, porque não tem casa nem meios de trabalho, etc., isto, na verdade, é algo antinatural. A moral sexual não deve restringir a reprodução e o matrimônio.

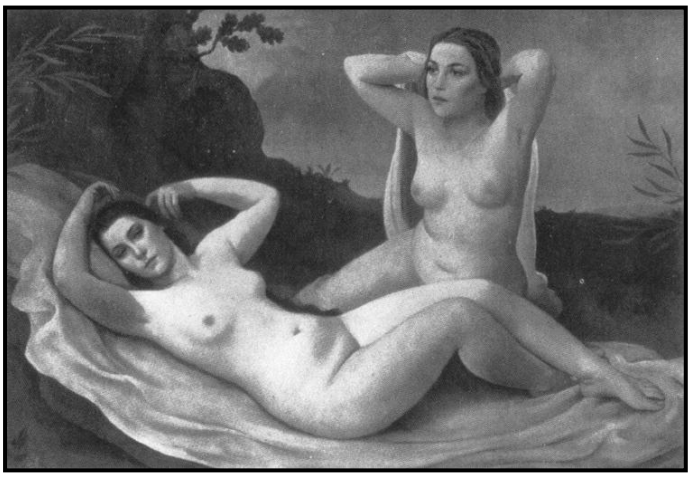
Exigir que um casal mantenha-se virgem até os 26 anos ou mais não é apenas ridículo, mas negativo. É uma tortura antinatural, uma crueldade e também uma castração psicológica inadmissível.

Um indivíduo saudável e normal começa sua vida sexual aos 16 anos. Pede-se a ele que domine sua sexualidade até encontrar um amor onde possa sublimá-la. Pede-se a ele para que não complete sua vida sexual até conhecer realmente seu par e estar convencido de seu amor, mas pedir-lhe para que espere ganhar um salário numeroso ou ter uma casa aos 28 anos é simplesmente estúpido.

As relações sexuais plenas de um casal estável, convencido de seu amor, que espera poder formar um lar no futuro, são totalmente aceitáveis. São elas, inclusive, desejáveis, se essa situação perdura até o matrimônio. Isto é algo que o Estado Nacional-Socialista deveria evitar de ter fomentado aos casais para se casar muito antes dessas idades antinaturais da atualidade.

O nacional-socialista deve então passar de uma visão temerosa e reprimida do sexo a uma compreensão humana, visão humana, alegre e geradora de amor. E deve eliminar a degradação, os vícios, a putrefação sexista do progressismo por um sexo alegre dentro de um amor sincero e completo.

S ANTICONCEPCIONAIS



Em um matrimônio, as relações sexuais não estão reduzidas ao tema reprodutivo. Ainda que pareça mentira, há mais de um reacionário que segue defendendo que só a reprodução "legaliza" a sexualidade.

No matrimônio, a vida sexual do casal forma parte da relação de amor, mas também tem uma função reprodutiva. É claro que se devem ter os filhos que se desejem, nem mais nem menos. Ter filhos por erro, sem querê-los, é uma tragédia que deve ser evitada. Aumentar a demografia com os "erros" dos matrimônios é próprio da mentalidade reacionária, como a tendência a não ter quase filhos para "ser livres" e desfrutar da vida é própria da mentalidade materialista atual.

A política nacional-socialista deve dar livre escolha aos casais.

O erro moderno é que os pais não querem ter filhos. O erro reacionário é querer obrigá-los, proibindo os anticoncepcionais ao invés de convencê-los a ter mais.

Uma família com quatro filhos, que já não deseja ter mais filhos, pode seguir levando uma vida sexual sadia e alegre, própria do amor. Anular essa alegria e essa relação por medo de ter mais filhos é criar traumas e é mais uma crueldade do judaico-cristianismo atual.

A imoralidade dos anticoncepcionais está em seu uso, não em si mesma. Como a imoralidade de uma faca está em seu uso e não nela própria.

Uma prostituta que usa anticoncepcional é tão antiética como outra que não os usa (só que a que não os usa ainda é idiota).

Os costumes proibitivos, inquisitoriais, devem ser sucessivamente substituídos em nossas fileiras. Proibir é a arma da reação. Fomentar e apresentar soluções positivas e revolucionárias é nosso método.

Além disso, já não se trata só dos métodos anticoncepcionais mas que hoje em dia existe toda uma série de métodos científicos que chocam com a moral tradicional.

A fecundidade artificial, fertilização in vitro, ou as futuras modificações genéticas, apresentam problemas que devem abordar-se com mentalidade ética, não com uma visão reacionária da ciência e do sexo como mero "utilismo" como faz o progressismo.

É preciso compreender que nenhum método científico é negativo em si, mas que apenas pode ser negativo o uso que se lhe dê em cada caso.

Devem sobrar poucos reacionários e ultraconservadores que considerem que a dor do parto é necessária para assegurar o amor da mãe, agora ninguém se oporá ao parto sem dor, ou poucos acreditarão que é menos filho o concebido por inseminação artificial ou in vitro que os demais. A preocupação está no fato dos pais quererem seus filhos, cuidá-los e desejá-los, e não no método de concepção quando há problemas para o método natural.

A oposição aos avanços científicos é algo típico da mentalidade semítica em geral. Somente os arianos têm tido uma predisposição natural à pesquisa científica de forma independente das religiões e crenças, como busca da verdade natural.

Durante séculos se considerou "pagão" o interesse pelas ciências profanas, e se reprimiu muitos cientistas por descobertas que eram pouco adequadas às utopias bíblicas.

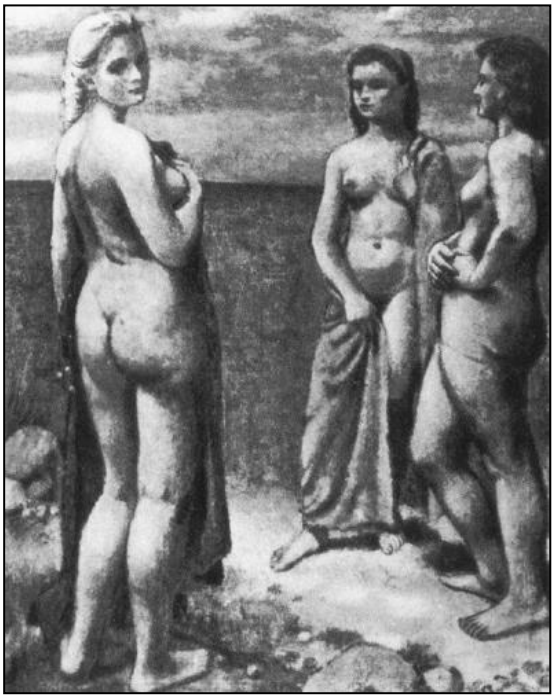
Atualmente são censurados brutalmente os historiadores e cientistas que, sobre temas de genocídios ou de raça, dão opiniões distintas das "oficiais de obrigada crença" que o Sistema democrático-progressista tem imposto.

A ciência nos dá cada dia novas armas, e precisamos de uma concepção de mundo que saiba usá-las para nosso desenvolvimento, sem tabus ou medos, mas também sem abusos. É o mesmo problema com relação ao sexo.



A nudez retratada por Adolf Hitler

EUGENIA SEXUAL OU RACIAL



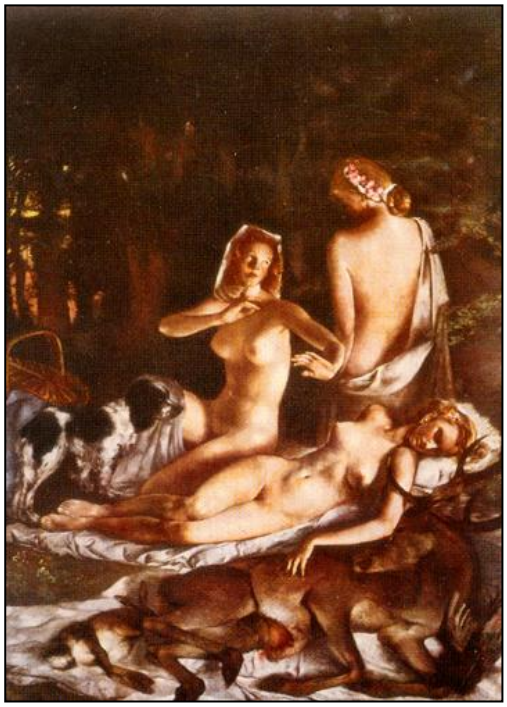
É de conhecimento de todos a política eugênica do Nacional Socialismo, ainda que alguns não tenham realmente a assumido. Queremos uma ação estatal que impeça ao máximo o limite de reprodução de defeitos genéticos.

O Nacional Socialismo aceita o aborto eugênico como um meio de se evitar uma vida vegetativa lamentável, cujas deficiências são detectadas durante a gravidez. E certamente apóia ainda mais a prevenção da deficiência ou de doenças hereditárias através de exame pré-natal. É evidente que a necessidade de esterilização nos casos de defeitos genéticos observadas nestes exames não implica na "esterilidade sexual", mas na reprodutiva. Não é que se impeça a formação de casais que possuem defeitos hereditários, nem que o amor é negado a eles, mas que eles renunciem a descendência pelo bem de seus filhos e do povo.

A autêntica intervenção sexual se daria, por exemplo, em casos de aberrações e desvios perigosos sexuais, como estupradores reincidentes, pervertidos sexuais, etc., pois é nisto onde o próprio sexo cria uma situação delitiva perigosa para a sociedade. Nesses casos sim, é aceitável uma ação direta contra os instintos sexuais primários do indivíduo, algo que de todas as formas já se aplica nos

dias de hoje, em alguns países, ainda que com muitas restrições, efeito claro da fraca aplicação da justiça no mundo democrático.

Para o Nacional Socialismo, toda tendência antinatural da sexualidade é nociva. Tanto a seita que fomenta a virgindade como aquelas que disseminam os vícios sexuais. Todas são perigosas para a raça e, assim sendo, para uma sexualidade sadia.



O fomento de vícios sexuais, sua aceitação social progressiva, busca ocultar a idéia de perversão, camuflando-a em uma sede por novidade e prazer absoluto, onde tanto o homem quanto a mulher são simplesmente objetos.

Ninguém é culpado de um desvio biológico específico, mas se pede a um doente que seja consciente de sua doença e, assim sendo, que evite o contágio. O doente de tiro que percorre refeitórios públicos e que sabe do risco de contágio é, sem sombra de dúvidas, um criminoso.

É degradante estar contente da própria doença, bem como disseminá-la sem por ela estar domado.

Em contraste com temas como o da homossexualidade, dado à lei que assim exige sua discussão, o Nacional Socialismo deve ser compreendido, neste aspecto, como um apoio ao matrimônio que se reproduz, o que é, em outras palavras, dar apoio ao matrimônio, filhos à comunidade, no qual o Estado Nacional-Socialista deve ajudar a fomentar através dos seus meios. Nisto, curiosamente coincidimos com a Igreja e sua percepção do tema.

EDUCAÇÃO SEXUAL



Não saberei nunca dizer se é pior o comunismo ou o capitalismo, nem poderei nunca dizer se é pior o progressismo ou o sistema reacionário conservador.

Talvez pareça pior a libertinagem atual ao invés da hipócrita e estúpida rigidez de antes; talvez seja pior em suas conseqüências radicais e sociais, mas não acredito que se possa afirmar, pois da estupidez anterior saiu a brutalidade atual, de modo que entre as culpas do passado reacionário está principalmente a de fomentar e ser raiz das barbaridades atuais.

Um jesuíta ignorante e limitado de espírito nos dizia na escola que quem se masturbava ficaria doente e surgiriam espinhas, além de evidentemente condenar o ato.

E atualmente em um desses livros "sexuais para crianças" se aprende que masturbar um colega é algo muito divertido.

Dois extremos, dois atentados contra a raça e a verdade.

A maioria dos pais de 30 anos atrás não dizia uma só palavra de sexo aos seus filhos e esse assunto era tabu nas casas.

E agora há pais modernísimos que mandam seus filhos às prostitutas para que "aprendam".

O problema da reação é que não podem aceitar uma educação normal e livre do sexo, pois suas conseqüências são nefastas para a conservação da moral reacionária clássica.

E o problema da democracia é que não pode ensinar ética, pois seu relativismo é total, não tem em sua base ética nada além de desejo e egoísmo.

É evidente que garotos conscientes da realidade sexual saberão que a masturbação não produz doença alguma, e quando consigam encontrar esse amor de verdade, sincero, real, profundo e estável, saberão como podem amar profundamente e livremente sem temor em ter filhos. Algo terrível para o retrógrado.

A educação sexual deve dar-se baseando na realidade biológica da sexualidade, e no fomento de um sentido ético de seu uso, tomando somente como base a união que engrandece, de amor-sexo, frente ao seu uso como objeto de prazer.

Pretender dar medo ao sexo, ocultá-lo ou sacramentá-lo, é tão negativo como prostituí-lo ou reduzi-lo ao prazer.

O livro "Caminho"(7) da Opus Dei aponta que o matrimônio é "para a classe de rebanho". Fazer o amor bem, plenamente, expressamente, é uma demonstração de perversão, de estar sob o domínio da "carne".

E hoje quem não experimentou uma maconha e o sexo mais vicioso e precoce é considerado um fascista.

Portanto, a educação nacional-socialista deve partir de outros pressupostos básicos, da visão sexual natural, baseada em considerar o sexo como partícipe dos deuses, um deus Eros(8) como sua honra o demonstra. Amar era algo alegre e desinibido, livre por ser algo honrável e desejado pela comunidade.

O sexo sob a mentalidade clássica era uma honra, o erotismo era algo elevado, buscado e saboreado como procedente dos deuses.

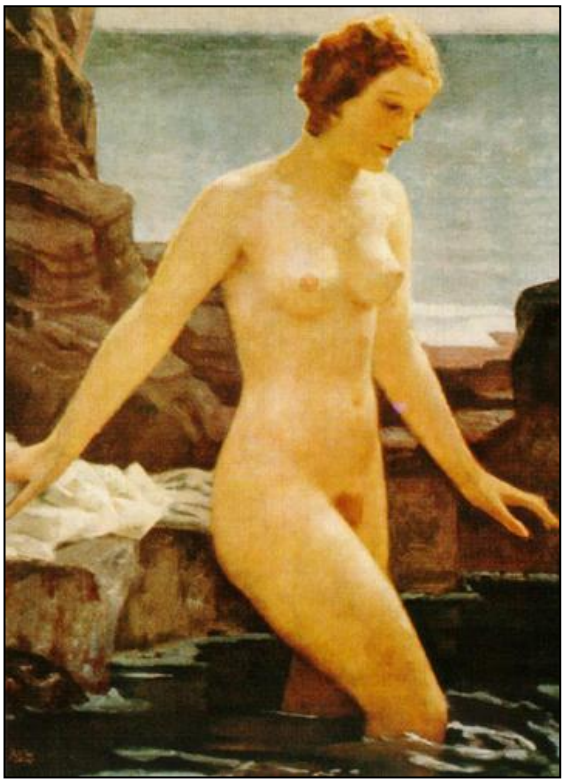
Inclusive as vestais(9) romanas, que mantinham a virgindade em honra de seus deuses, só o faziam durante uma série de anos,

para depois casar-se e ter muitos filhos. As vestais tornavam-se matronas(10).



Pintura de Friedrich Wilhelm Kalb

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Neste curto estudo, tratei de dar bases para uma análise sexual desde a ótica nacional-socialista. E mais concretamente, tentei dar uma solução mais natural e realista aos problemas sexuais.

Uma vez mais, temos de ser claros: hoje, o problema essencial é a degeneração sexista e o materialismo que invadiu o sexo, transformando-o em mera máquina de prazer. Até entre os nacional-socialistas o problema essencial agora, não como há 30 anos atrás, é que estão infectados desse egoísmo e busca de prazer, esquecendo o estilo essencial, um sexo alegre mas unido ao amor e a formas e maneiras dignas.

O vício, o desejo sem fim, o arrependimento com o parceiro, já não são algo estranho nos ambientes nacional-socialistas, devido à corrupção dos meios de massa e do ambiente social.

O Nacional Socialismo apresenta a única solução possível: a que nos indica a natureza. Frente aos problemas de uma sexualidade retrógrada e a exacerbação sexista atual, novamente o natural, nacional-socialista, indica a única saída.



Pintura de Richard Klein

NOTAS

1 – A definição sobre o movimento espanhol é válida igualmente para a maioria dos países, ainda mais para o Brasil e a América Latina, onde ocorre a precariedade sobre teorização (inclui-se temas como o revisionismo histórico, filosofia-doutrina, questões sociais do presente, etc.), tendo inexistido ou sendo restrito até então quaisquer atividades de cunho erudito; formação de grupos de estudos, debates acadêmicos, palestras, divulgação de autores e ensaios, publicações periódicas, ou outros meios de produção e distribuição intelectual nacional-socialista. ***Nota do Tradutor.***

2 – Publicado em 1958, "A metafísica do Sexo" estuda a função significativa do sexo masculino e feminino à luz das doutrinas tradicionais do oriente e do ocidente. A tese avançada por Julius Evola é que o mundo moderno quebrou as verdadeiras potencialidades transcendentes do homem e da mulher. Trata de reabilitar-se a verdadeira metafísica do sexo, ou seja, reencontrar a unidade na diferenciação ontológica dos sexos e da verdadeira sexualidade. ***Nota do Tradutor.***

3 – É constatável que Wilhelm Reich, discípulo dissidente de Freud e igualmente judeu, foi em grande parte um responsável teórico, com a propagação de suas pesquisas nos anos 50, dos posteriores movimentos de "liberação sexual", entrelaçado ao meio hippie-marxista-feminista. ***Nota do Tradutor.***

4 – Oriundo de Cartago, D.C.155-222. Era um importante escritor eclesiástico da Antiguidade. Embora tivesse nascido no seio de uma família pagã, se converteu ao cristianismo e foi influenciado pelo

movimento cristão de Montano. Um dos ensinamentos de Tertuliano dizia respeito ao sexo: os fornicadores(que fazem sexo ilícito ou antes do casamento) não deveriam ser admitidos em hipótese alguma na Igreja. ***Nota do Tradutor.***

5 - Dictablanda (em espanhol, que junta *dictadura*, "ditadura", com *blanda*, "leve") é um termo que foi cunhado de maneira popular na Espanha em 1930 quando o general Dámaso Berenguer substituiu o general Primo de Rivera à frente do governo ditatorial. A denominada dictablanda executou mais sentenças de morte por motivos políticos do que a ditadura a que sucedera. ***Nota do Tradutor.***

6 – A partir dos 35 anos de idade aumentam os riscos de dar a luz bebês com sindrome de down, além do nascimento prematuro. Enquanto a própria mulher sofrerá riscos de complicações como sangramento vaginal, dificuldades com o parto, necessidade de cesariana, hipertensão arterial, abortamento espontâneo, etc. ***Nota do Tradutor.***

7 – De autoria de Josemaria Escrivá de Balaguer. ***Nota do Tradutor.***

8 – Eros (Cupido no panteão Romano) é o Deus grego do amor. ***Nota do Tradutor.***

9 – Na Roma Antiga, eram designadas como virgens vestais ("deusas do fogo") as assistentes da deusa romana Vesta. Estas mulheres gozavam de uma situação social respeitável e deviam manter-se castas sob risco de sofrerem punições (inclusive mortais). ***Nota do Tradutor.***

10 – Senhora respeitável que é mãe de família. ***Nota do Tradutor.***

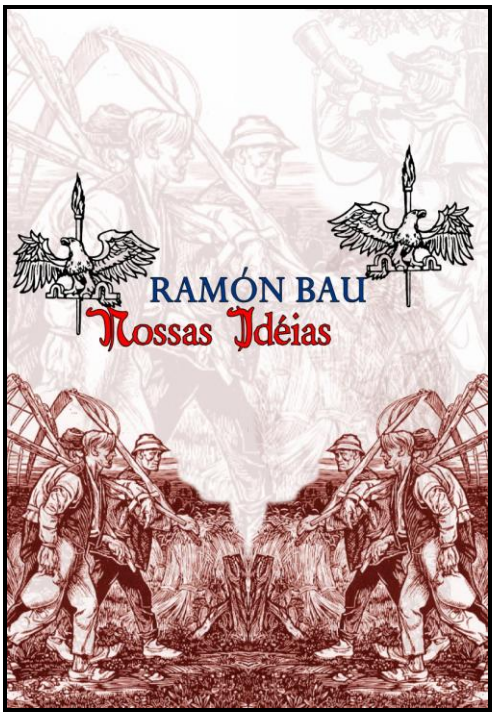
EDITORA THULE

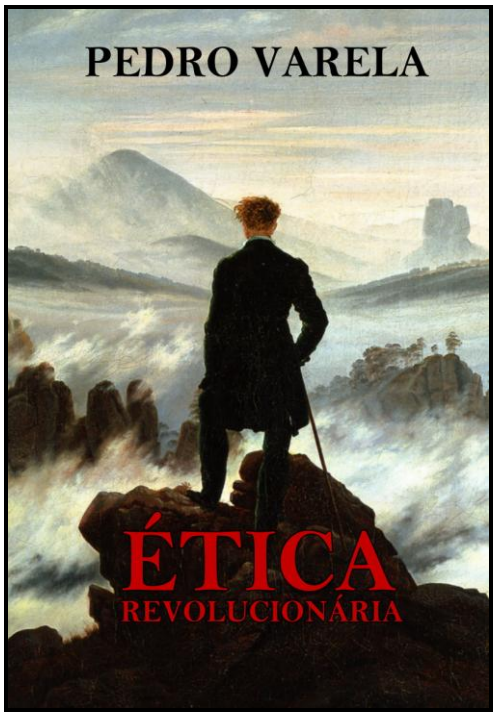
E

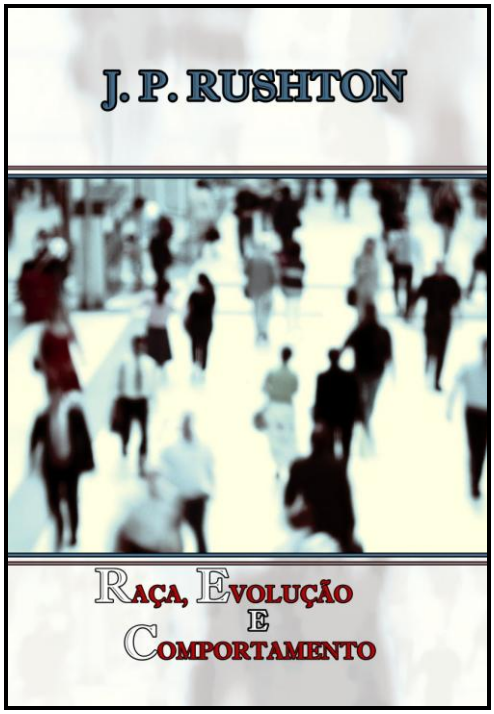
REVISTA CULTURAL THOLF:

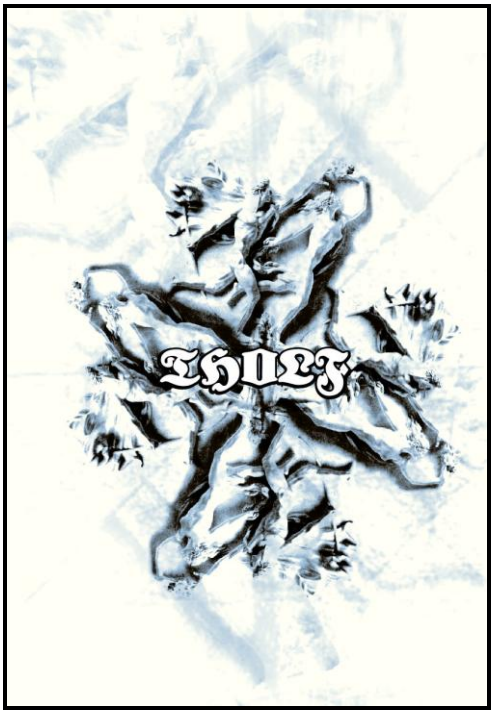


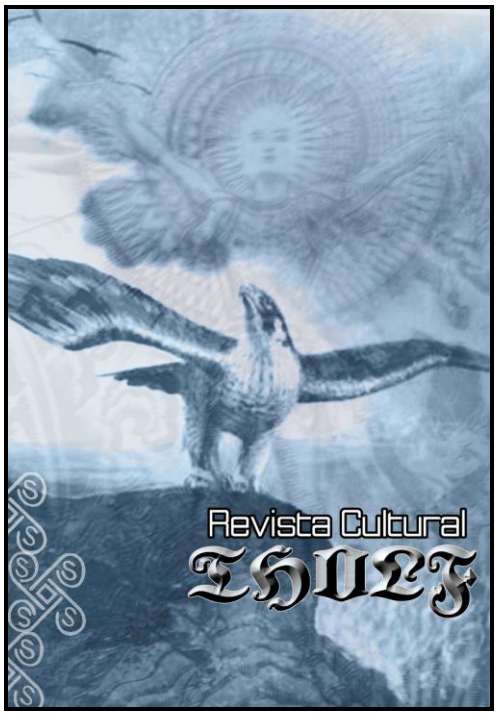







J. P. RUSHTON
RAÇA, EVOLUÇÃO
E
COMPORTAMENTO


THULE


Revista Cultural
THULE


Revista Cultural
THULE


MIGUEL SERRANO
NÃO CELEBRAREMOS A MORTE
DOS DEUSES BRANCOS


RAMÓN BAU
O SEXO
segundo o Nacional Socialismo


THULE
EDITORA